



DEUS

FORA

VOTE

FAMÍLIA DE BEM

FORA
CORRUÇÃO

ARMAS

FORA

FEBRERO

Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação (Magali Cunha)

Angelica Tostes¹ e Delana Corazza²

Magali do Nascimento Cunha é jornalista, pesquisadora de Mídia e Religião, tendo publicado diversos textos, artigos e livros acerca da temática, é colaboradora do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra/Suíça, e é articulista da revista Carta Capital. A publicação, “Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação” (2020), é o resultado das pesquisas e nasce imbuído em preocupações de igrejas e organizações baseadas na fé frente ao avanço dos fundamentalismos e seus desdobramentos sócio-políticos na América do Sul. Esse projeto foi articulado pelo Fórum Ecumênico ACT Aliança Sul-americano (FESUR) na tentativa de um mapeamento do fenômeno em alguns países do continente: Argentina, Brasil, Colômbia e Peru.

1 Teóloga e mestre em Ciências da Religião (UMESP). Pesquisadora do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

2 Delana Corazza. Cientista Social e mestre em Arquitetura e Urbanismo (USP). Pesquisadora do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

Na pesquisa são abordadas as mutações do entendimento do fundamentalismo na América Latina, e citados três elementos cruciais nessa ressignificação: revolução iraniana, ataques de 11 de setembro e a entrada do século 21. O termo que antes se remetia ao movimento ultraconservador protestante norte-americano da virada do século 20, que reivindicava a inerrância bíblica e interpretação literal, em uma tentativa de reagir a modernidade e estudos críticos e culturais da Bíblia, hoje se torna a base de pensamentos e posturas, em defesa a uma verdade, e que impõe na sociedade essa suposta verdade. A ascensão dos fundamentalistas no espaço público, a partir de grupos religiosos ou não religiosos, deixa o entendimento que o fundamentalismo tem se tornado “um fenômeno social que ultrapassa a dimensão religiosa” (CUNHA, M., 2020, p. 5) e ganha um caráter i) político; ii) econômico; iii) ambiental e iv) cultural. No empreendimento da compreensão, Magali Cunha buscou desenhar uma breve conjuntura política dos países pesquisados (Argentina -2018, Brasil - 2016, Colômbia - 2016, Peru- 2016) e realizou uma síntese dessas trajetórias. Nessa observação preliminar, os seguintes elementos foram destacados como comum a todos os países: i) reacionarismo frente aos avanços das pautas de Direitos Humanos e Igualdade Social; ii) a pauta de gênero como bandeira da “salvação da família tradicional”, com discursos pró-vida, anti-gênero e educação sexual nas escolas; iii) o uso religioso para legitimar o projeto sócio-político e econômico capitalista, permeado pelo medo gerado das *fake news*; iv) pautas pró-família e anti-gênero que buscam dominar duas frentes, a Educação e o Direito; v) modelo neoliberal, visando o Estado mínimo, para promover o livre mercado; vi) crise do modelo neoliberal, aprofundada em 2020 por conta da pandemia de coronavírus.

No primeiro tópico é abordado “Os fundamentalismos como fenômeno religioso-político na América Latina” e para pensar a questão, a autora aborda o conceito de Jurgen Habermas: “revitalização política da religião”, tal processo remonta aos discursos sobre o sagrado nos espaços públicos, apesar dos processos de modernização social. Outro conceito importante para esse mapeamento é a noção de “religião pública” trazida por Joanildo Burity, que caminha em direção a uma religião como uma ação coletiva, construindo discursos sobre valores e cultura, nos espaços públicos. Um fator de grande relevância para a fertilidade fundamentalista da América Latina é seu contexto histórico marcado por duas cicatrizes: colonialismo e ditaduras. Magali resgata nesse tópico a historicidade da relação da América Latina com o Cristianismo, a princípio, com a Igreja Católica

Apostólica Romana (ICAR), que serve como porta de entrada para os “evangélicos/as” na política institucional a partir da década de 1980. Ressalta o trabalho dos movimentos ecumênicos progressistas, como a Igreja e Sociedade na América Latina, influenciados pelo Evangelho Social e Cristianismo prático, que desembocou na Teologia da Libertação e formação de grupos ecumênicos como o Conselho Latino-Americano de Igrejas. Entretanto, ao mesmo tempo que tudo isso acontecia, Magali Cunha pontua a explosão do neopentecostalismo no continente, e as movimentações de minoria invisível para uma participação extensiva nas mídias e política. Alguns pontos devem ser destacados acerca dessa explosão neopentecostal na década de 1980, ela ocorre com as políticas neoliberais sendo introduzidas no continente e algumas teologias que corroboram para o fortalecimento de tais políticas, como i) as teologias da Prosperidade e da Guerra Espiritual se misturam a conjuntura neoliberal; ii) teologia do domínio, ou reconstrucionismo, que surge nos anos 1970, nos Estados Unidos, e que busca a reconstrução da teocracia.

Compreender o termo fundamentalismo se faz uma tarefa necessária, nesse ponto, a autora aborda que o termo não é algo novo, e que tem como primeira referência entre cristãos/ãs protestantes estadunidenses. Porém, se populariza com a revolução iraniana (1979), na qual foi classificada de fundamentalista. O termo volta no início do século 21 com os eventos de setembro de 2001, na qual a mídia norte-americana começou a construir a imagem do islamismo como fundamentalistas, ou seja, o termo passa a ser sinônimo de radicais, extremistas. E com o avanço do pentecostalismo conservadores o termo é retomado por setores religiosos progressistas e no espaço acadêmico. Entretanto, o conceito passa por inúmeras transformações. É trazida a discussão sobre o fundamentalismo desde o século 20, passando por diversos momentos e contextos, são elencados: i) Origem protestante; ii) Internacionalização e politização; iii) A maioria moral, a nova direita cristã; iv) As correntes contemporâneas do fundamentalismo nos Estados Unidos e vi) O viés fundamentalista católico-romano. Para Magali, é um termo que é i) a recusa ao diálogo; ii) negação da pluralidade; iii) reconstrução e idealização de um passado inexistente. A pesquisa não busca esgotar o tema e nem definir de forma estática o conceito. Dessa forma, há a elaboração de uma síntese na tentativa de definição:

Fundamentalismos (no plural, portanto) são aqui compreendidos como uma visão de mundo, uma interpretação da realidade, com matriz religiosa, combinada com ações políticas decorrentes dela, para

o enfraquecimento dos processos democráticos e dos direitos sexuais, reprodutivos e das comunidades tradicionais, políticas de valorização da pluralidade e da diversidade, num condicionamento mútuo. Não são homogêneos, são diversificados, formados por diferentes grupos que têm em comum inimigos a combater com ações distintas no espaço público. Por isso, o caráter basilar dos fundamentalismos é o oposicionismo. (CUNHA, M., 2020, p. 26)

No segundo tópico, Magali vai para além da construção do conceito trazendo reflexões contextualizadas sobre o fundamentalismo religioso católico e evangélico dos anos 2000 da América do Sul e sua absorção pelas diversas camadas sociais, mas principalmente pelas camadas populares que são envolvidas pelos discursos do empreendedorismo e de proteção à família.

Ao contrário do que parece, a leitura da Bíblia pelos fundamentalistas, segundo o pastor metodista argentino entrevistado Néstor Oscar Miguez, não é literal, mas dogmática. A defesa de pautas morais a partir dessa leitura conveniente da Bíblia é uma bandeira importante nos discursos fundamentalistas, manifestando-se no poder executivo e no judiciário. Essas pautas são trabalhadas no livro a partir dos seguintes pontos: i) A reação sobre os direitos sexuais e reprodutivos a partir da guerra discursiva que condena tudo aquilo que não é heterossexual e que família está limitada ao fruto de uma relação matrimonial entre um homem e uma mulher. Qualquer questionamento sobre esse limitado estar no mundo é enquadrado como “ideologia de gênero”, provocando pânico moral. ii) A manutenção dessa “família ideal” como modelo a ser defendido, perpetua as coisas como estão nos termos das políticas públicas: as mulheres como procriadoras e principais cuidadoras e responsáveis pelos filhos, doentes e idosos, ou seja, as pessoas a serem cuidadas continuarão sendo responsabilidade do mundo privado, das mulheres. iii) Pânico moral e permanente embate com inimigos. É imprescindível a ideia de inimigo nos discursos fundamentalistas. Nos países pesquisados a defesa da família por esses grupos foi fundamental para a construção da narrativa de que se você defende a possibilidade de uma outra família, a partir da igualdade de direitos sexuais, você está, necessariamente, buscando a destruição dessa família modelo. iv) Ameaça a comunidades tradicionais: essa é uma ameaça que faz parte da triste história de exploração de nosso continente que se inicia com a igreja católica, no entanto, no século 20, os grupos evangélicos passam a atuar mais intensamente. O fundamentalismo religioso, muitas vezes traduzido

na ideologia do empreendedorismo desarticula e desconfigura comunidades tradicionais indígenas e quilombolas que operam por outros mecanismos como o sentido de comunidade e coletividade, tão fundamentais para a identidade desses grupos. v) Ações coordenadas. Grupos com o mesmo discurso e a mesma estética, envolvendo principalmente jovens e mulheres, criam movimentos articulados nas redes sociais e nas ruas, geralmente defendendo pautas anti-gênero. vi) Os temas do Estado laico e da liberdade religiosa.

O livro traz uma importante reflexão, principalmente no que tange à disputa de narrativas. Os grupos fundamentalistas, ainda que coloquem em risco a frágil laicidade dos Estados, não reivindicam um Estado não-laico. O que fazem é resignificar essa laicidade, defendendo a liberdade religiosa, reivindicando que um Estado laico não é um Estado ateu. O discurso é de que os cidadãos podem atuar na política de acordo com sua identidade cristã – e que isso não colocaria em risco a laicidade. Essa reflexão dialoga com o conceito “secularização estratégica” trazido no texto, cunhado por Juan Marco Vaggione, onde os setores fundamentalistas se utilizam de uma retórica secular para ampliarem seus discursos, evitando tensões inter-religiosas “o novo discurso é ancorado na ciência e nos direitos humanos e suas plataformas internacionais, o que permite aos grupos disputarem um espaço mais amplo com agentes seculares e Estados laicos” (CUNHA, M., 2020, p.37).

Ainda na reflexão conjuntural, Magali traz o discurso dos fundamentalistas em nosso continente e nos Estados Unidos, reconhecendo a teologia do domínio como a narrativa que embasa esse fundamentalismo. A busca de ocupação dos espaços políticos, sociais e culturais pelos cristãos é a base dessa narrativa, muito conectada aos pentecostais, mas que tem servido como uma luva para outros religiosos do campo conservador ocuparem espaços institucionais de poder. Esse fundamentalismo se coloca em prática também na guerra cultural por meio do movimento cultural gospel, que se torna importante desde a década de 90 e segue se ampliando, com uma atuação muito eficiente entre os jovens.

O último ponto do livro, Magali Cunha se coloca no desafio de construir possíveis ações contra as estratégias muito bem orquestradas do fundamentalismo religioso na América Latina. Em síntese, as ações são a de compreender a força e a capilaridade do fundamentalismo, não o subestimando, assim como compreender o papel da religião para o povo latino-americano, subjetiva e objetivamente, e construir possíveis diálogos a partir da formação e educação popular que contemplem também a leitura da Bíblia – contextualizada e ecumênica - na construção de contra-narrativas. Ouvir a população imersa nas contradições entre discursos e

práticas fundamentalistas. Rever o discurso do Estado Laico como oposição aos fundamentalistas - é necessário que tenhamos argumentos científicos e secularizados contra a negação de direitos. Dialogar com a juventude, as mulheres, as comunidades indígenas e quilombolas, suas especificidades, suas histórias, suas demandas. E, por fim, ocupar as mídias digitais e desenvolver linguagens possíveis, populares e criativas, visibilizando as tantas possíveis formas de viver a fé cristã.

A pesquisa realizada por Magali Cunha nos permite observar as ações imperialistas estadunidenses que se utilizam da religião para o controle do Sul Global, em especial, nesse contexto, da América Latina. O fundamentalismo é multifacetado, se apoia naqueles que, ao definirem sua interpretação da bíblia, tornaram suas palavras e sua história como o fim, o absoluto. Ou seja, nada para além dali pode ser mudado, questionado, redefinido, vivido. “O Fundamentalismo, assim, constrói um mundo estável e fixo, dominado por certezas, e quem quer que ali penetre verá todas as suas dúvidas acabarem”. (ALVES, R., 1982, p. 66) Nesse sentido, questionar, redefinir, viver outras possibilidades é o desencontro com a verdade. Essa verdade absoluta, dogmática, vai muito além da religião, ela constrói modelos de vida políticos, econômicos e sociais. Esse modelo tem sido importado ao mundo inteiro e atinge profundamente, como vimos, o nosso continente. A leitura da sistematização da pesquisa sobre os fundamentalismos é muito importante para compreensão do processo de influência das teologias fundamentalistas e seus reflexos, como a teologia do domínio, que estão para além do fenômeno do crescimento do pentecostalismo, mas também presentes em toda empreitada de setores da ICAR contra a Teologia da Libertação. Como uma alternativa às teologias clássicas, a Teologia da Libertação expande o horizonte da espiritualidade a partir do chão que se pisa e da luta de classes, sendo aperfeiçoada por teologias contextuais como as teologias negra, feminista e *queer* entre outras. Como Vijay Prashad, diretor do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, apontou em entrevista à Opera Revista Independente:

O que o imperialismo mais odeia é a promessa de uma alternativa. Isso é o imperialismo; sufocar a possibilidade de uma alternativa. Dizem que todos devem viver sob suas regras, e se alguém decide viver de acordo com suas próprias regras, torna-se uma ameaça. Se você desobedece às regras, tudo bem – eles podem te punir. [...] O imperialismo é

o uso de força extra-econômica para prevenir que outro bloco histórico emerja e crie novas regras para o planeta. (PRASHAD, V., 2020)

Para além de uma análise crítica, Magali Cunha aponta caminhos para construir ações contra esses fenômenos fundamentalistas. Esses caminhos dialogam com a ideia trazida no texto “Em busca da Funda de Davi”, do professor Maurício Abdalla, que nos chama a refletir sobre os avanços que o campo progressista teve em sua história contra as ameaças imperialistas em nosso continente e a importância do resgate de formas de nos colocarmos novamente (ou mais incisivamente) em movimento. No entanto,

precisamos ser realistas e ter consciência de que não são possíveis ações de curto prazo que se contraponham aos efeitos de uma estratégia de longo prazo bem executada. Estamos em um momento que exige o abandono do imediatismo (sem largar o esforço de ações que minimizem os efeitos do problema) e a retomada da paciência histórica. (ABDALLA, M., 2020, p. 23)

Para isso, é fundamental desvendar e conhecer nossa história e as forças que impediram o avanço para a consolidação da justiça social nos países latino-americanos. Onde erramos, onde avançamos? Quais são as forças e o tamanho delas que estavam em disputa? Magali nos chama à ação. É tempo de mover-se, de desprender-se de nossas amarras, de criar, de nos recriarmos. É tempo de fé e de luta.



Referências Bibliográficas

Abdalla, Maurício. *Em busca da funda de Davi*. Movimento Nacional Fé e Política. Dezembro de 2019. Disponível em: <http://fepolitica.org.br/conjuntura/em-busca-da-funda-de-davi/>. Acessado em 19 de nov de 2020.

Alves, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo. Edições Paulinas, 1982.

Cunha, Magali do Nascimento. *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador: KOINONIA Presença Ecumênica, 2020.

Prashad, Vijay. *Imaginar que o imperialismo não existe é um luxo*. Opera Revista Independente. Agosto de 2020. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2020/08/28/vijay-prashad-imaginar-que-o-imperialismo-nao-existe-e-um-luxo/>. Acesso em 27/11/2020.